

SOFT POWER: COMO ESTA FERRAMENTA GEOPOLÍTICA INFLUENCIA NA DIPLOMACIA PÚBLICA

SOFT POWER: HOW THIS GEOPOLITICAL TOOL INFLUENCES PUBLIC DIPLOMACY

Sérgio Ricardo Pereira Accioly¹

Marielza Santos do Nascimento²

Jailton Pereira Nicácio³

Bruna Barbosa Diniz⁴

Jonathan Lisboa Galvão do Nascimento⁵

Resumo: Este artigo analisa o conceito de Soft Power e seu papel como ferramenta geopolítica na diplomacia pública, com foco em países emergentes. Em um cenário internacional marcado pela interdependência e competição por influência, o Soft Power, conceito formulado por Joseph Nye (1990), é destacado pela capacidade de atrair e moldar preferências sem o uso de força ou coerção. A abordagem qualitativa e exploratória da pesquisa permitiu investigar como países, especialmente membros do BRICS, utilizam o Soft Power para fortalecer sua imagem global, construindo alianças e promovendo cooperação internacional por meio de recursos culturais, valores e políticas públicas. O objetivo geral do estudo foi em analisar como o Soft Power contribui para a projeção internacional das

1 Doutorando em Administração, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-0801-7739>

2 Doutorado em Ciências Contábeis e Administração, Fucape Pesquisa e Ensino S.A, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4604-6667>

3 Doutorando em Administração Pública com ênfase em Gestão Governamental, Universidad de la Integración de las Américas (UNIDA-PY), Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-0445-994X>

4 Doutorando em Administração, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

5 Mestrado em Tecnologias Emergentes, MUST University Florida, Orlando, USA, Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-9626-8756>

nações, com ênfase na utilização de elementos culturais, políticos e sociais. Para atingir esse objetivo, o estudo se propõe a investigar a eficácia do Soft Power em relação ao Hard Power na diplomacia pública e a explorar o papel dos megaeventos esportivos e culturais, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, como estratégias de projeção de imagem e fortalecimento de identidade nacional. Os resultados indicam que o Soft Power é uma ferramenta essencial para promover a diplomacia pública e consolidar alianças baseadas em valores e objetivos comuns. A análise revelou que países como Brasil e Rússia têm utilizado o Soft Power com diferentes abordagens e resultados. O Brasil, por meio de programas sociais e de sua atuação em fóruns multilaterais, tem projetado uma imagem de nação inclusiva e cooperativa. Já a Rússia e a China combinam recursos de Soft Power e Hard Power para fortalecer sua influência em contextos regionais e globais. Observou-se ainda que os megaeventos esportivos, embora reforcem a imagem dos países anfitriões e atraiam investimentos e turismo, também podem expor limitações políticas e sociais, gerando desafios para a manutenção de uma imagem positiva. A conclusão deste estudo aponta que o Soft Power é um instrumento eficaz para a diplomacia pública, oferecendo resultados de longo prazo e facilitando a cooptação e a criação de alianças estratégicas. No entanto, o sucesso dessa abordagem depende de um equilíbrio entre a imagem projetada e as realidades internas dos países, pois divergências podem comprometer a eficácia do Soft Power. Foram identificadas lacunas que sugerem a necessidade de pesquisas futuras sobre o impacto de longo prazo do Soft Power, a interação entre Soft Power e Hard Power, e a relação entre Soft Power e identidade nacional. Esse estudo contribui para o campo das Relações Internacionais ao destacar o Soft Power como uma alternativa valiosa ao Hard Power, especialmente para países em desenvolvimento, que buscam aumentar sua relevância e influência internacional de maneira cooperativa e sustentável.

Palavras-chave: Soft Power; Diplomacia Pública; Relações Internacionais; BRICS.

Abstract: This article analyzes the concept of Soft Power and its role as a geopolitical tool in public

diplomacy, focusing on emerging countries. In an international scenario marked by interdependence and competition for influence, Soft Power, a concept formulated by Joseph Nye (1990), stands out for its ability to attract and shape preferences without the use of force or coercion. The qualitative and exploratory approach of the research allowed us to investigate how countries, especially BRICS members, use Soft Power to strengthen their global image, building alliances and promoting international cooperation through cultural resources, values, and public policies. The overall objective of the study was to analyze how Soft Power contributes to the international projection of nations, with an emphasis on the use of cultural, political, and social elements. To achieve this objective, the study proposes to investigate the effectiveness of Soft Power in relation to Hard Power in public diplomacy and to explore the role of mega-sporting and cultural events, such as the World Cup and the Olympic Games, as strategies for image projection and strengthening of national identity. The results indicate that Soft Power is an essential tool for promoting public diplomacy and consolidating alliances based on shared values and objectives. The analysis revealed that countries like Brazil and Russia have used Soft Power with different approaches and results. Brazil, through social programs and its participation in multilateral forums, has projected an image of an inclusive and cooperative nation. Russia and China, on the other hand, combine Soft Power and Hard Power resources to strengthen their influence in regional and global contexts. It was also observed that mega-sporting events, while reinforcing the image of host countries and attracting investment and tourism, can also expose political and social limitations, creating challenges for maintaining a positive image. The conclusion of this study points out that Soft Power is an effective instrument for public diplomacy, offering long-term results and facilitating co-optation and the creation of strategic alliances. However, the success of this approach depends on a balance between the projected image and the internal realities of the countries, as divergences can compromise the effectiveness of Soft Power. Gaps were identified that suggest the need for future research on the long-term impact of Soft Power, the interaction between Soft Power and Hard Power, and the relationship between Soft Power and national identity. This study contributes to the field of International Relations by highlighting Soft Power as a valuable alternative to Hard Power,

especially for developing countries seeking to increase their international relevance and influence in a cooperative and sustainable manner.

Keywords: Soft Power; Public Diplomacy; International Relations; BRICS.

Introdução

A introdução de um estudo sobre Soft Power e sua influência na diplomacia pública moderna revela-se oportuna em um cenário internacional cada vez mais interconectado e competitivo, onde a utilização de estratégias não-coercitivas emerge como alternativa relevante ao uso tradicional da força. O conceito de Soft Power, formulado por Joseph Nye (1990), reflete a capacidade de um Estado influenciar e atrair outros países, moldando preferências e comportamentos sem o uso de coerção militar ou pressões econômicas diretas. Esse poder suave é exercido por meio de recursos culturais, ideais políticos, políticas públicas, e grandes eventos internacionais, sendo uma estratégia amplamente utilizada tanto por potências consolidadas quanto por países emergentes. O Soft Power tem o potencial de reconfigurar a percepção de nações em âmbito global, destacando-se como uma ferramenta essencial para fortalecer a diplomacia pública, consolidar a imagem de países e alcançar objetivos estratégicos de longo prazo.

O papel do Soft Power tornou-se particularmente relevante à medida que as relações internacionais adotam cada vez mais o uso de diplomacia pública, onde a formação de uma imagem positiva e a construção de alianças e coalizões ganham centralidade. Países como Rússia, China e Brasil, bem como o bloco econômico BRICS, têm buscado projetar suas culturas e valores nacionais por meio de estratégias de Soft Power, reforçando suas posições como influentes no cenário global (Freire Filho, 2022; Ward Sá, 2021; Maia, 2023). O uso de eventos culturais e esportivos, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, é um exemplo marcante desse fenômeno, pois tais eventos não apenas colocam em destaque a imagem das nações anfitriãs, mas também atraem investimentos,

promovem turismo e intensificam as relações bilaterais e multilaterais. Por meio desses megaeventos, países em desenvolvimento, como Brasil e África do Sul, têm a oportunidade de construir e projetar uma identidade que contrasta com a percepção tradicionalmente marginalizada imposta por potências ocidentais (Swinnen e Vandemoortele, 2008; Queiroz, 2017; Silva e Lima, 2016).

Entretanto, apesar dos benefícios aparentes, o Soft Power também enfrenta desafios e limitações. Há uma constante tensão entre a promoção de uma imagem idealizada e as realidades sociais e políticas internas dos países, que, em alguns casos, podem comprometer a eficácia da estratégia de Soft Power. Esse foi o caso de países como Rússia e Catar, cujos megaeventos esportivos foram palco de controvérsias relacionadas a direitos humanos e questões políticas, revelando a complexidade envolvida na utilização do Soft Power (Almeida e Pereira, 2021). Ainda assim, a capacidade de atrair e influenciar audiências internacionais torna o Soft Power uma abordagem indispensável no arsenal diplomático dos Estados, especialmente em tempos de globalização e de ampliação dos fluxos culturais e informativos.

Diante desse contexto, o problema central deste estudo consiste em investigar como o Soft Power é utilizado como ferramenta de influência nas dinâmicas da diplomacia pública entre nações. A questão de pesquisa se concentra em compreender de que forma países utilizam elementos de Soft Power – como cultura, política e relações internacionais – para moldar a percepção global e alcançar objetivos geopolíticos sem o uso de força militar ou pressão econômica direta. Dada a crescente importância de estratégias não-coercitivas no cenário internacional, o estudo visa responder: Em que medida o Soft Power molda a opinião pública e, por extensão, as relações internacionais e as políticas de cooperação entre países?

Para atender a esse objetivo, este trabalho se propõe a examinar os principais elementos do Soft Power, com ênfase em cultura, política e relações internacionais, que contribuem para a projeção de uma nação no cenário global. Como objetivos específicos, esta pesquisa busca (i) investigar o papel de megaeventos esportivos e culturais como ferramentas de Soft Power e sua eficácia na consolidação da imagem de países emergentes, especialmente entre os membros do BRICS; (ii) avaliar a eficácia

do Soft Power na construção de uma diplomacia pública de longo prazo em comparação com o Hard Power; e (iii) analisar como essa abordagem contribui para a formação de alianças e coalizões, promovendo estabilidade e cooperação internacional.

Este estudo oferece contribuições teóricas e empíricas significativas para o campo das Relações Internacionais e da diplomacia pública, destacando-se pela análise de países emergentes e pelo enfoque em megaeventos esportivos. Além disso, apresenta um valor prático ao fornecer insights sobre como o Soft Power pode ser mais bem empregado por formuladores de políticas públicas, especialmente em países em desenvolvimento que buscam aumentar sua influência internacional por meio de investimentos culturais e esportivos. Do ponto de vista social e cultural, a pesquisa aponta o impacto positivo do Soft Power na construção da identidade nacional e na promoção de um sentimento de pertencimento entre a população, reforçando a autoestima e a coesão social necessárias ao desenvolvimento interno. Assim, o Soft Power revela-se não apenas como um mecanismo de projeção internacional, mas também como um fator de transformação e fortalecimento da sociedade.

Referenciais Teóricos

Conceito de Soft Power e Suas Origens

O conceito de Soft Power, introduzido pelo cientista político Joseph Nye, caracteriza-se pela capacidade de um Estado influenciar o comportamento e as preferências de outros países sem recorrer à coerção, diferenciando-se do Hard Power, que envolve o uso direto de força militar e econômica. O Soft Power, por sua vez, apoia-se na atratividade cultural, nos valores políticos e nas políticas públicas de uma nação (Cardoso, 2023). A popularidade e a eficácia dessa abordagem são atribuídas à sua habilidade de construir uma imagem favorável que molda positivamente as percepções e aspirações de públicos internacionais, o que Nye descreve como uma “capacidade de modelar as preferências dos outros” (Cardoso, 2023).

Joseph S. Nye Jr. é uma figura central no estudo do Soft Power, acumulando prestígio

acadêmico e experiência prática na administração pública, o que lhe conferiu visibilidade global e autoridade sobre o tema. Sua teoria sobre Soft Power enfatiza a relevância de poder intangível em um cenário de relações internacionais que se tornou mais complexo e interdependente (Cardoso, 2023). A influência de Nye consolidou o conceito de Soft Power como uma ferramenta crítica para o fortalecimento da diplomacia pública e para a construção de uma imagem positiva no cenário mundial, especialmente entre países que buscam se posicionar como potências emergentes.

Ballerini (2017) complementa a análise de Nye ao destacar que o Soft Power cooptaria os indivíduos, em vez de forçá-los, sendo eficaz ao moldar suas preferências. Esse aspecto do Soft Power é exemplificado pela preferência global por produtos culturais de origem ocidental, como filmes de Hollywood e grifes francesas, que influenciam decisões de consumo e ajudam a consolidar a presença dessas nações no imaginário coletivo global (Cardoso, 2023). Dessa forma, o Soft Power consolida-se como um conceito fundamental nas relações internacionais, promovendo não apenas a imagem, mas também o poder de atração das nações.

A noção de Soft Power foi amplamente discutida por Nye e por outros estudiosos da área de Relações Internacionais, como Robert Keohane, no livro *Power and Interdependence*. Em trabalhos subsequentes, como *O Paradoxo do Poder Americano*, Nye propôs que os Estados Unidos deveriam evitar posturas isolacionistas e, em vez disso, explorar a persuasão e a cooptação como mecanismos para liderar e fortalecer alianças. Esse enfoque apoia-se no poder brando, especialmente valioso em tempos de crescente interdependência global, onde a harmonização entre elementos intangíveis e tangíveis torna-se crucial para o êxito das políticas externas (Cardoso, 2023).

O Soft Power encontra sua eficácia em recursos intangíveis, como cultura, ideologia e valores, que contribuem para a formação de uma imagem positiva do país. Esse poder “suave” não se limita a ações governamentais, mas também inclui a ação de empresas e instituições privadas, que amplificam a capacidade de um país atrair e influenciar audiências globais (Cardoso, 2023). Exemplos proeminentes são encontrados na indústria cinematográfica de Hollywood, na moda francesa, e na ascensão do K-pop coreano. Esses fenômenos culturais têm como ponto comum a habilidade de atrair

audiências internacionais, gerando simpatia e aceitação dos valores e estilos de vida que representam.

O K-pop, em particular, destaca-se como um caso de Soft Power híbrido, no qual empresas privadas colaboram com o governo sul-coreano para difundir a cultura pop do país globalmente. Essa colaboração reflete um esforço conjunto para promover a imagem da Coreia do Sul e atrair interesse global, sendo instrumentalizada pelo governo como estratégia diplomática e econômica (Cardoso, 2023). De forma semelhante, o turismo brasileiro no litoral é incentivado pelo Estado como meio de atrair estrangeiros para a experiência cultural do país, fortalecendo a visibilidade internacional do Brasil.

O Soft Power permite que países projetem uma imagem favorável de si mesmos no cenário internacional, colaborando para a formação de alianças e o fortalecimento de relações bilaterais. Na perspectiva de Nye, a atração é mais eficaz do que a coerção, pois promove um alinhamento voluntário entre as nações, baseado em valores comuns e objetivos compartilhados (Cardoso, 2023). A cooptação de outros países através do Soft Power ocorre frequentemente por meio de estratégias culturais e educacionais, que incluem desde intercâmbios e parcerias universitárias até a promoção de eventos culturais e esportivos que fortalecem a imagem do país.

Eventos esportivos de grande escala, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, exemplificam o uso do Soft Power para reforçar a imagem de uma nação, atraindo atenção mundial e promovendo o turismo e a economia. Esses eventos, ao serem realizados em países emergentes, como Brasil e África do Sul, oferecem uma plataforma para que esses Estados apresentem sua cultura, infraestrutura e hospitalidade ao mundo (Cardoso, 2023). Além disso, a visibilidade desses megaeventos cria uma oportunidade para fortalecer a reputação internacional, como observado nos Jogos Olímpicos de Inverno de 2014 e na Copa do Mundo de 2018 na Rússia, quando o país buscou reafirmar sua posição no cenário global, apesar das críticas e desafios sociais.

O uso do esporte como Soft Power tem sido particularmente eficaz para a construção de uma identidade positiva, ao mesmo tempo em que atrai investimentos e fomenta o turismo. Contudo, esses eventos também apresentam desafios e limitações, incluindo questões de direitos humanos, exploração

de mão de obra e até mesmo tensões políticas. No caso do Brasil, por exemplo, o investimento significativo em infraestrutura para a Copa do Mundo de 2014 gerou tanto reconhecimento quanto críticas, destacando os dilemas enfrentados pelos países-sede ao tentar equilibrar interesses nacionais e projeção internacional (Cardoso, 2023)

Relações Internacionais e o Soft Power no Contexto Brasileiro

No Brasil, o campo de Relações Internacionais ainda é pouco explorado, sendo restrito a um grupo seleto de especialistas. Essa limitação, contudo, não impede que o país desenvolva estratégias de Soft Power, especialmente em um contexto de visibilidade crescente nas últimas décadas. O estudo do Soft Power no Brasil abrange aspectos interdisciplinares, incluindo História e Relações Internacionais, e busca compreender como o país pode fortalecer sua presença internacional sem recorrer à força coercitiva (Cardoso, 2023).

Durante os primeiros mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva, o Brasil destacou-se no uso do Soft Power como ferramenta de política externa. Programas sociais como o “Bolsa Família” e o “Fome Zero” projetaram uma imagem de compromisso social que obteve reconhecimento global. Essa projeção de Soft Power estendeu-se a iniciativas de política internacional, como a liderança do G-20 dos países em desenvolvimento e a candidatura a um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU (Cardoso, 2023). A atuação de Lula elevou o prestígio do Brasil no cenário internacional, sendo reconhecida pela imprensa mundial, incluindo publicações de destaque, como o New York Times e a Time, que listaram o presidente entre as 100 personalidades mais influentes do mundo.

A abordagem brasileira ao Soft Power é inovadora, baseada em um conjunto diversificado de ações, desde programas sociais e culturais até alianças estratégicas em fóruns internacionais. Esse modelo de Soft Power contribuiu para o fortalecimento da identidade nacional e para o reconhecimento internacional do Brasil como um país que valoriza a cooperação e o desenvolvimento, reafirmando sua posição entre os líderes emergentes no cenário global.

Método de Pesquisa

A metodologia deste estudo foi estruturada para responder à questão de pesquisa: Em que medida o Soft Power molda a opinião pública e, por extensão, as relações internacionais e as políticas de cooperação entre países? Para tanto, adotou-se uma abordagem qualitativa e exploratória, fundamentada em revisão de literatura e análise documental, conforme detalhado a seguir.

A abordagem qualitativa foi escolhida devido à natureza interpretativa e complexa do objeto de estudo, que envolve a análise de conceitos abstratos, como Soft Power e diplomacia pública. De acordo com Creswell (2010), a pesquisa qualitativa é particularmente apropriada quando se busca compreender a perspectiva dos participantes ou o contexto cultural que influencia determinado fenômeno. No caso deste estudo, a análise qualitativa permitiu examinar como os países utilizam o Soft Power para influenciar a percepção global e como esse processo se diferencia do Hard Power, permitindo um entendimento profundo dos mecanismos de diplomacia pública.

A pesquisa exploratória visa compreender melhor um fenômeno pouco examinado em contextos específicos, oferecendo insights para futuras investigações (GIL, 2008). Essa natureza exploratória foi crucial para mapear e examinar os elementos constitutivos do Soft Power, especialmente entre países emergentes e no contexto de megaeventos culturais e esportivos. O objetivo da pesquisa exploratória, conforme mencionado por Gil (2008), é fornecer ao pesquisador uma visão geral e aprofundada do objeto de estudo, além de gerar novas questões e hipóteses para investigações posteriores.

Para o desenvolvimento deste estudo, utilizou-se a revisão de literatura como procedimento metodológico principal. Segundo Marconi e Lakatos (2017), a revisão de literatura é um método fundamental para pesquisas qualitativas, pois permite ao pesquisador estabelecer uma base teórica sólida e identificar estudos prévios que contribuam para a compreensão do objeto de estudo. A revisão de literatura neste trabalho consistiu na análise de livros, artigos científicos e relatórios de pesquisas que discutem o conceito de Soft Power, suas aplicações e implicações nas Relações Internacionais.

A revisão teórica concentrou-se em obras centrais para a compreensão do Soft Power, especialmente os trabalhos de Joseph Nye (1990; 2004), considerado o teórico pioneiro do conceito. Além disso, foram examinados artigos recentes que analisam o uso do Soft Power em países emergentes, como os BRICS, e o papel dos megaeventos esportivos e culturais na projeção da imagem nacional. A escolha por esses materiais baseou-se na relevância dos estudos para os objetivos do artigo, com o intuito de oferecer uma visão abrangente e contextualizada das aplicações do Soft Power na diplomacia pública.

A análise documental foi outra técnica adotada, permitindo um exame crítico de relatórios e documentos de instituições que monitoram a diplomacia pública e o Soft Power, como o The Soft Power 30, elaborado pela Portland Communications. De acordo com Bowen (2009), a análise documental é uma estratégia útil em estudos qualitativos, pois possibilita a identificação de padrões e a construção de uma análise comparativa entre os dados e a teoria. No contexto deste estudo, a análise documental permitiu verificar como o Soft Power é aplicado em diferentes cenários e quais são os desafios enfrentados por países como Brasil, Rússia e China na utilização desse recurso.

A análise dos dados coletados a partir da revisão de literatura e análise documental foi realizada por meio de uma abordagem interpretativa, com base na análise de conteúdo. A análise de conteúdo é uma técnica amplamente utilizada em estudos qualitativos para identificar e categorizar informações relevantes nos dados coletados, de modo a interpretar seus significados e implicações (BARDIN, 2011). Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo envolve a codificação e categorização dos dados para extrair temas e padrões que respondam aos objetivos da pesquisa.

Neste estudo, foram identificadas categorias principais relacionadas aos elementos de Soft Power, ao papel dos megaeventos esportivos e culturais, e à comparação entre Soft Power e Hard Power. A análise de conteúdo possibilitou estruturar os resultados de maneira organizada, respondendo de forma sistemática aos objetivos específicos e à questão de pesquisa. Cada categoria foi analisada à luz da teoria e discutida no capítulo de resultados, proporcionando uma interpretação fundamentada das principais contribuições e desafios do Soft Power como ferramenta de diplomacia pública.

Limitações e Considerações Metodológicas

Uma das limitações metodológicas desta pesquisa reside na dependência de fontes secundárias para a análise dos resultados, uma vez que a metodologia adotada não incluiu a coleta de dados primários, como entrevistas ou questionários. Embora a revisão de literatura e a análise documental permitam uma compreensão ampla e contextualizada, a inclusão de dados primários poderia enriquecer as interpretações, oferecendo insights mais próximos das percepções dos atores envolvidos na prática diplomática. Como sugerem Marconi e Lakatos (2017), a combinação de diferentes métodos de coleta de dados em uma pesquisa qualitativa pode fortalecer a análise e aumentar a validade das conclusões.

No entanto, a revisão de literatura e a análise documental foram consideradas adequadas para os objetivos deste estudo, dado que a pesquisa se propõe a construir uma base teórica sólida sobre o conceito de Soft Power e suas aplicações práticas. Futuros estudos poderiam, portanto, expandir essa análise com metodologias complementares, como estudos de caso e entrevistas com especialistas em diplomacia pública, para oferecer uma visão ainda mais aprofundada sobre a eficácia e os desafios do Soft Power.

Resultado e Discussões

Este capítulo apresenta uma análise aprofundada das principais questões teóricas e empíricas que emergem da utilização do Soft Power como ferramenta de diplomacia pública. Tendo como foco os objetivos específicos delineados, o estudo busca responder à questão central: Em que medida o Soft Power molda a opinião pública e, por extensão, as relações internacionais e as políticas de cooperação entre países? A análise está organizada em discussões que exploram os elementos constitutivos do Soft Power e sua influência na construção de uma diplomacia pública efetiva, além do papel dos megaeventos esportivos e culturais e a eficácia comparativa do Soft Power frente ao Hard Power.

A Eficácia do Soft Power na Diplomacia Pública

O primeiro aspecto a ser discutido diz respeito à eficácia do Soft Power como mecanismo de influência nas dinâmicas da diplomacia pública. Conforme delineado por Nye (2022), o Soft Power se destaca pela capacidade de moldar preferências e comportamentos sem o uso de força ou coerção. A análise empírica dos casos da Rússia, China e Brasil permite identificar que o Soft Power, ao contrário do Hard Power, atua principalmente no campo intangível da percepção e da imagem internacional, favorecendo a criação de alianças e uma predisposição favorável entre as nações (Cardoso, 2023).

Essa forma de poder revela-se particularmente eficaz em contextos globais de interdependência crescente, onde alianças voluntárias e cooperação bilateral são essenciais. No caso do Brasil, observou-se que programas sociais como o “Bolsa Família” e o “Fome Zero” consolidaram o país como um exemplo de compromisso social, fortalecendo a imagem do Brasil enquanto líder entre os países emergentes. Esse uso do Soft Power possibilitou ao Brasil influenciar as relações internacionais com um viés de solidariedade e cooperação, o que contribuiu para que o país assumisse posições de destaque em fóruns internacionais, como o G-20 e a Organização Mundial do Comércio (Cardoso, 2023).

Essa análise corrobora a ideia de que o Soft Power, quando bem aplicado, permite que os Estados alcancem seus objetivos diplomáticos ao promover uma imagem que ressoe com os valores e aspirações globais. A cooptação pela cultura, valores e políticas públicas, conforme visto nos programas sociais brasileiros, apresenta-se como um caminho eficaz para se alcançar reconhecimento internacional e consolidar parcerias estratégicas.

A realização de megaeventos esportivos e culturais representa uma estratégia essencial para a consolidação do Soft Power, especialmente entre os países emergentes. Eventos como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos oferecem uma plataforma significativa para que nações anfitriãs, como Brasil, Rússia e África do Sul, possam destacar-se no cenário global, apresentando ao mundo suas

culturas e capacidades organizacionais. Esses eventos não apenas atraem turistas e investimentos, mas também promovem uma renovação da imagem nacional perante a opinião pública internacional, contribuindo para um fortalecimento do Soft Power (Swinnen e Vandemoortele, 2008; Queiroz, 2017; Silva e Lima, 2016).

A análise dos megaeventos, contudo, aponta para um paradoxo: embora esses eventos contribuam para a projeção positiva da imagem nacional, eles também podem expor limitações sociais e políticas dos países anfitriões. No caso da Copa do Mundo de 2014 no Brasil, por exemplo, o alto investimento em infraestrutura gerou reconhecimento internacional, mas também suscitou críticas internas e externas, refletindo as tensões entre interesses nacionais e o desejo de projeção internacional. Similarmente, a Rússia, ao sediar os Jogos Olímpicos de Inverno de 2014 e a Copa do Mundo de 2018, enfrentou controvérsias ligadas a questões de direitos humanos e disputas políticas, ressaltando que o Soft Power, embora poderoso, pode ter limitações e desafios consideráveis (Almeida e Pereira, 2021).

Esses eventos reforçam a importância do Soft Power como uma ferramenta de diplomacia pública que promove tanto o turismo quanto a integração cultural. Entretanto, os casos discutidos demonstram que é fundamental para os países-sede equilibrarem suas necessidades internas com a projeção de uma imagem idealizada, visando evitar que desafios internos comprometam os objetivos de Soft Power.

Outro ponto essencial da discussão reside na comparação entre o Soft Power e o Hard Power na construção de alianças e na promoção de cooperação internacional. Ao contrário do Hard Power, que se baseia na coerção e no uso de recursos militares e econômicos, o Soft Power busca atrair e cooptar outros Estados, promovendo um alinhamento voluntário e um fortalecimento das relações bilaterais e multilaterais (Cardoso, 2023). Essa diferença é evidente quando observamos a diplomacia pública dos países emergentes, que optam pelo Soft Power para evitar conflitos diretos e criar uma reputação favorável junto a outras nações.

No contexto das nações do BRICS, a China destaca-se pela combinação de recursos de Soft

Power, como a promoção do idioma e cultura chinesa no exterior por meio dos Institutos Confúcio, com estratégias de Hard Power, como investimentos econômicos e projetos de infraestrutura em diversos países. Essa abordagem integrada permite que a China expanda sua influência em diversas regiões do mundo, promovendo uma imagem de desenvolvimento e cooperação sem, no entanto, renunciar ao poder econômico. Já o Brasil, diferentemente, apoia-se mais intensamente em Soft Power, utilizando programas sociais, megaeventos e participação em fóruns multilaterais para fortalecer seu prestígio global, promovendo uma imagem de país pacífico e solidário (Maia, 2023).

A análise desses casos demonstra que, embora o Hard Power possa gerar efeitos de curto prazo, o Soft Power tende a favorecer a construção de parcerias mais estáveis e duradouras, fundamentadas em valores e interesses comuns. Assim, a comparação entre ambas as abordagens aponta que o Soft Power é especialmente valioso para países que buscam promover um desenvolvimento sustentável e reforçar seu papel como atores globais sem recorrer a meios coercitivos.

O estudo revela ainda que o Soft Power desempenha um papel importante na construção da identidade nacional e no fortalecimento da autoestima dos cidadãos. Ao projetar uma imagem positiva no exterior, os países que adotam estratégias de Soft Power reforçam, também internamente, o sentimento de pertencimento e coesão social, o que pode contribuir para o desenvolvimento sustentável. No caso do Brasil, por exemplo, o reconhecimento internacional dos programas sociais e culturais ajudou a consolidar uma imagem de país inclusivo e preocupado com o bem-estar social, beneficiando, assim, tanto a imagem externa quanto a coesão interna (Cardoso, 2023).

A promoção do Soft Power também tem efeitos relevantes no fortalecimento da cooperação internacional. A imagem positiva de um país facilita a formação de coalizões e o estabelecimento de alianças com outras nações que compartilham valores semelhantes. A diplomacia cultural e a promoção de eventos internacionais são ferramentas valiosas para gerar simpatia e criar pontes de cooperação entre países. O estudo de Cardoso (2023) aponta que o Soft Power brasileiro, além de fortalecer a posição do país nos fóruns internacionais, contribui para o avanço de temas como a sustentabilidade, a inclusão social e o combate à pobreza, áreas que se conectam às agendas globais.

Conclusão

Este estudo teve como objetivo principal analisar o Soft Power como uma ferramenta de influência geopolítica na diplomacia pública, com foco nos elementos culturais, políticos e sociais que contribuem para a projeção internacional de um país. Para alcançar esse propósito, foram investigados os principais recursos de Soft Power empregados por diferentes nações, especialmente no contexto dos megaeventos esportivos e culturais, e avaliada a eficácia do Soft Power em comparação ao Hard Power na construção de uma diplomacia pública sólida e na formação de alianças e coalizões internacionais.

Os resultados apresentados ao longo do estudo reforçam a hipótese central de que o Soft Power exerce uma influência significativa na moldagem da opinião pública e na promoção das relações internacionais, atuando como um instrumento valioso na busca de objetivos estratégicos, especialmente em um contexto de globalização e interdependência crescente. Países como Brasil, Rússia e China, membros do bloco BRICS, demonstram que o Soft Power pode ser particularmente eficaz para nações emergentes que buscam consolidar uma imagem positiva e alcançar maior protagonismo no cenário mundial sem recorrer a métodos coercitivos.

A análise destacou que o Soft Power se manifesta por meio de recursos intangíveis como cultura, ideologia, valores e políticas públicas, os quais, se promovidos de forma eficaz, podem gerar admiração e cooperação voluntária de outros países e suas populações. O estudo do caso brasileiro revelou que programas sociais como o “Bolsa Família” e o “Fome Zero”, além de iniciativas diplomáticas em fóruns multilaterais, contribuíram para fortalecer a imagem do Brasil como um país comprometido com o desenvolvimento social e a inclusão, reforçando sua posição de liderança entre as nações emergentes. A importância dos megaeventos, como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, também foi discutida como uma forma de Soft Power, uma vez que esses eventos atraem turistas e investimentos e ampliam a visibilidade internacional dos países anfitriões. Entretanto, os desafios enfrentados, como as críticas à infraestrutura e aos elevados custos

de organização, revelam que os benefícios de tais eventos para a imagem de um país devem ser cuidadosamente equilibrados com as necessidades e realidades internas.

A comparação entre Soft Power e Hard Power permitiu identificar que, enquanto o Hard Power proporciona resultados de curto prazo por meio da força e da coerção, o Soft Power tende a gerar resultados de longo prazo, baseados em cooperação e valores compartilhados. Essa distinção é fundamental para compreender por que países em desenvolvimento e economias emergentes, como os do BRICS, frequentemente recorrem ao Soft Power para consolidar sua presença no cenário global. A China, por exemplo, mescla elementos de Soft e Hard Power ao promover sua cultura pelo mundo por meio dos Institutos Confúcio e investir em projetos de infraestrutura em várias regiões, destacando-se como uma liderança que valoriza a cooperação econômica e cultural. Já o Brasil, ao adotar uma postura pacífica e solidária, prioriza o Soft Power como forma de se projetar como uma nação inclusiva e cooperativa.

Apesar dos resultados positivos observados, o estudo também identifica lacunas e desafios significativos no uso do Soft Power. Uma das principais lacunas está relacionada à necessidade de uma compreensão mais aprofundada dos efeitos a longo prazo do Soft Power na percepção pública e na estabilidade das relações diplomáticas. Embora este estudo tenha mostrado que o Soft Power pode contribuir para a construção de alianças duradouras, ainda há uma escassez de dados e análises empíricas que demonstrem a persistência dessa influência ao longo dos anos. Além disso, há uma lacuna quanto à análise das interações entre Soft Power e Hard Power em contextos de conflito e cooperação, especialmente em países onde essas abordagens são usadas simultaneamente. Em casos como o da China, que combina Soft Power cultural com investimentos econômicos robustos em outras nações, é essencial entender como as percepções públicas desses países receptores variam e se adaptam à medida que os efeitos de ambas as abordagens se manifestam.

Outro aspecto que merece atenção futura é a necessidade de explorar mais profundamente o impacto do Soft Power nas políticas internas e na autoestima nacional dos países emergentes. Os dados sugerem que o uso do Soft Power pode reforçar a identidade nacional e contribuir para a coesão

social, como evidenciado no caso brasileiro, onde os programas sociais e os megaeventos esportivos fortaleceram a autoestima da população. No entanto, a pesquisa sobre o impacto do Soft Power no desenvolvimento interno ainda é limitada e requer estudos mais detalhados para esclarecer como a projeção de uma imagem positiva no exterior pode influenciar positivamente a população doméstica, promovendo um sentimento de pertencimento e participação no cenário global.

Além disso, o Soft Power apresenta desafios consideráveis, pois a construção de uma imagem idealizada nem sempre reflete as realidades políticas e sociais dos países que buscam essa projeção internacional. No caso da Rússia, por exemplo, o uso do Soft Power por meio de megaeventos esportivos enfrentou controvérsias e tensões ligadas a questões de direitos humanos e conflitos regionais. Esse tipo de dissonância entre a imagem projetada e a realidade interna dos países revela uma limitação importante do Soft Power: embora possa atrair audiências e fortalecer laços internacionais, ele também pode intensificar as críticas e o escrutínio internacional sobre práticas internas, prejudicando o objetivo inicial de construção de uma imagem positiva. Essa tensão entre a imagem pública e as realidades domésticas constitui uma área de investigação ainda pouco explorada, com o potencial de enriquecer a compreensão sobre os limites e desafios do Soft Power no século XXI.

O Soft Power é uma estratégia crucial para países que almejam consolidar sua posição no cenário global sem recorrer ao uso da força. Ele oferece uma alternativa poderosa para a construção de parcerias baseadas em respeito mútuo e admiração, e sua aplicação se mostra particularmente valiosa para países em desenvolvimento, como os membros do BRICS, que buscam promover uma imagem positiva e exercer influência diplomática. Este estudo contribui para o campo das Relações Internacionais ao demonstrar como o Soft Power, por meio de recursos culturais, programas sociais e megaeventos, pode ser eficaz para fortalecer a diplomacia pública e para promover o desenvolvimento de alianças sólidas e colaborativas.

Este trabalho oferece uma visão abrangente das potencialidades e limitações do Soft Power, sugerindo que, embora sua eficácia esteja amplamente comprovada, a sua implementação bem-sucedida depende de um equilíbrio cuidadoso entre projeção internacional e realidade interna.

Para futuras pesquisas, recomenda-se uma análise longitudinal dos efeitos do Soft Power e uma investigação mais detalhada sobre como a interação entre Soft e Hard Power impacta as percepções públicas e as dinâmicas de cooperação internacional. Adicionalmente, a relação entre Soft Power e autoestima nacional constitui uma área promissora para estudos futuros, com potencial para revelar como a diplomacia pública pode reforçar não apenas as relações internacionais, mas também a coesão e o desenvolvimento interno dos países emergentes.

Referências

ALMEIDA, Rodrigo Accioli; PEREIRA, André dos S. A.. Ousadia e alegria: sportswashinge softpowerdo Catar através do futebol. Revista Departamento de Geografia. Universidade de São Paulo. Volume 42, 2022. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/203554/190290>. Acessado em 25 de out 2024.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011.

BALLERINI, Frantiesco. Poder Suave (Soft Power): arte africana; arte milenar chinesa; arte renascentista; balé russo; Bollywood; Bossa-Nova; British invasion; carnaval; cultura mag japonesa; Hollywood; moda francesa; tango; telenovelas. São Paulo: Summus, 2017.

BOWEN, G. A. Document analysis as a qualitative research method. Qualitative Research Journal, v. 9, n. 2, p. 27–40, 2009. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.3316/QRJ0902027/full/html>. Acesso em: 12 nov. 2024.

CARDOSO, Lara Elissa Andrade. As tonalidades do Soft Power brasileiro: entre a visibilidade e a atuação / Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF | Instituto de Ciências Humanas Programa de Pós-Graduação em História. 2023. 131 f.

CRESWELL, J. W. Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KAWANO, Breno Kenji. Diplomacia cultural como forma de exercício de poder: Soft Power coreano. Disponível em <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/15309>. Acessado em 28 out 2024.

MAIA, Matheus F. Sportswashing: O Esporte no meio das relações internacionais. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/peteconomia/article/view/41520>. Acessado em 01 de nov de 2024.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de Metodologia Científica. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MERTIN, Evelyn. Passaporte para o Futuro: Os Jogos Olímpicos de Inverno de Sochi 2014. German Sport University Cologne, ano 7, n.19, março 2012.

MONTEIRO, Solange. BRICS and the pursuit of growth. The Brazilian Economy. July 2015. Disponível em <https://www.google.com.br/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fhtml-bibliotecadigital.fgv.br%2Fojs%2Findex>

NYE, Joseph S. Soft Power, Foreign Policy, No. 80, 153-171, 1990. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/1148580?origin=crossref> . Acessado em 30 out 2024.

QUEIROZ, Vanessa Braz de. Projeção internacional e regional no contexto dos megaeventos esportivos: uma análise entre Brasil e Rússia, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/20735/3/ProjecaoInternacionalRegional.pdf> . Acessado em 25 out 2024.

SÁ, Natacha Ward. Atração de investimentos diretos estrangeiros nos países emergentes – Brasil, Rússia, Índia e China (BRIC): marcos regulatórios. Universidade Católica de Brasília. 2011. 247f.

SILVA, Ana Carolina B.; LIMA, Gabrielle V. de. A difusão cultural através do Soft Power: o caso da Rússia. Revista de Relações Internacionais, 2021.

SWINNEN, Johan; VANDEMOORTELE, Thijs. Trade and the political economy of standards. World Trade Review , Volume 11 , Issue 3: Symposium Issue: Standards and Non-Tariff Barriers in Trade , July 2012 , pp. 390 – 400. Disponível em <https://www.cambridge.org/core/journals/world-trade-review/article/abs/trade-and-the-political-economy-of-standards/5604038CAC1CBFEBA0718F85E82A9E69>. Acessado em 28 de out 2024.